

Por vontade expressa do autor, a presente edição não segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2016
Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título: *A Vida no Campo*
Autor: Joel Neto
Revisão: Joaquim E. Oliveira
Paginação: Maria João Gomes
Capa: Marina Costa/Marcador Editora
Fotografia de capa: Arquivo pessoal do autor
Imagem e textura de fundo: © Shutterstock
Fotografia de contracapa: © António Araújo
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-233-6
Depósito legal: 407 577/16

1.ª edição: Maio de 2016

Outono



Lugar dos Dois Caminhos

Domingo, 21 de Setembro

Havia algo no quarto dos meus pais que o tornava sagrado. Nunca percebi exactamente o quê, embora pudesse ser um silêncio.

Visitávamo-lo amiúde, eu para roubar meias lavadas, a Laura para se enfeitar com batons e colares. Entrávamos e saíamos furtivos, como se não soubessem todos que entrávamos e saíamos.

Lá dentro, guardávamos reverência.

Era o único quarto da casa que tinha sempre a cama feita, e isso já o distinguia bastante. Mas, aos domingos, entrava-lhe a luz pelas janelas, os carros passando esparsos lá fora, muito devagar, e tudo aquilo me parecia bom e conforme.

As bugigangas em cima da cómoda. O relóginho preto. As janelas a arejar. As cadeiras de camurça.

A quietude.

Muitas vezes eu já trazia o saque na mão, aflito, e no último instante sentava-me sobre a colcha aveludada, aquecida pelo sol, a aspirar aquele cheiro doce com que ainda hoje confundo o de uma tarde de domingo.

Havia algo no quarto dos meus pais que era trabalho, honestidade férrea, modéstia. Que era o lastro das pessoas concretizadas e, no

entanto, com o tempo todo pela frente ainda. Que era tudo aquilo que eu queria ser, mesmo que a mim próprio atribuísse futuros, glórias, galáxias.

Sempre tive mais desejo do que inteligência. A minha salvação foi acreditar.

Hoje à tarde pareceu-me descobrir o mesmo cheiro doce no meu próprio quarto. É domingo, e este benigno início de Outono tornou a abençoar-nos com sol. Os carros passavam esparsos lá fora e, aqui e ali, um cão latia no horizonte.

Deitei-me sobre a colcha quente. Fechei os olhos.

Mas não. Não era aquele silêncio. Àquele silêncio, nunca mais o encontrei. Acho que é sobre ele que escrevo todos os dias.

Lugar dos Dois Caminhos

Quarta-feira, 24 de Setembro

De vez em quando, lembramo-nos dos primeiros tempos. Acabávamos a jornada e eu sentava-me na cozinha, no lugar do meu avô, a ler o *Diário Insular*.

Às vezes fazia recortes. Indignava-me. Outras limitava-me a ver os mortos e os anúncios das touradas-à-corda. Tinha a impressão de que já não lia jornais há muito tempo, apesar de os ler todos os dias.

A Catarina cozinhava. Inventava pratos novos. Acabávamos de comer e punha-se a fazer costura. Comprava tecidos, fitas, galões. Inventava cortinas e bases para bules. Decorava garrafinhas com rendas que diziam «Licor de Mel» e «Licor de Amora», e depois eu tinha de ir à procura de licores de mel e de amora para as encher.

Eram os nomes que lhe tinham soado melhor.

Trazíamos muitos planos e deixámos bastantes por concretizar. Queríamos ir à praia todos os fins de tarde, os dois. Queríamos entrar numa marcha das Sanjoaninas. Queríamos ir a pé à Serreta, na peregrinação da Senhora dos Milagres.

Não fizemos nada disso. E também nunca mais conseguimos pôr-nos a ler jornais e a costurar na cozinha.

Mas fizemos algumas coisas. Escrevemos livros e colunas de imprensa, traduções e textos variados. Ganhámos amigos. Demos uma ajuda em associações culturais e até em instituições de caridade. Vivemos.

Há dias em que ainda acho que trabalho de mais. Não: todos os dias acho que trabalho de mais – mais até do que nos tempos de Lisboa. Mas não tenho uma insónia há quase dois anos e meio. A minha mãe diz que até os papos nos meus olhos desapareceram, embora possa ser bondade dela.

Os psicólogos nem sempre têm razão.

Vimos por quatro ou cinco anos e, agora, quatro ou cinco anos não vão bastar. Eu podia dizer que isso surpreendeu toda a gente à nossa volta. A verdade é que nos surpreendeu a nós.

Lugar dos Dois Caminhos

Quinta-feira, 25 de Setembro

Para ser honesto, o que me sensibilizou não foi nem a poupança nem a necessidade. Sempre fui razoavelmente irresponsável com o orçamento doméstico. Por outro lado, fui-o porque pude. Reconheço-o com um certo à-vontade burguês, mas não sem sentimento de culpa: o que a mim me sensibilizou foi a liberdade.

Sim, claro, a promessa de mansidão também. E o desejo de escrever um épico, talvez. Mas, no último instante, persuadiu-me esse argumento: uma vida mais barata, menos dependente dos humores da economia.

Se alguma coisa um homem aprende nesta vida é que mais dinheiro nem sempre traz mais conforto: muitas vezes só significa maior servidão. Talvez tivesse chegado o tempo, enfim, de operar do lado da despesa. De resto, esta família vive de livros e jornais – qualquer contabilista nos aconselharia temperança.

E, no momento em que pus os pés em terra e vi como tantas destas pessoas viviam, os recursos que tinham disponíveis, o que para elas constituía uma excentricidade e o que no seu mês significava um rombo – um acerto na leitura da luz, a urgência de apanhar um táxi, uma coima do parquímetro –, tornou-se claro para mim como eram obscenas tantas das despesas que fazia, no usufruto do prazer como às vezes até sem ele.

Hoje, ando com meia dúzia de euros no bolso, se é que ando com dinheiro. Aproveito o pão de um dia para o outro: não porque me tenha esquecido de comprar pão fresco, mas porque quero fazê-lo. Aponto o frasco de champô à palma da mão e meço uma noz – e, quando me ocorre comprar um casaco novo, ou um telefone, ou uns sapatos, pergunto-me se serão ao menos satisfatórios, ou se os compro apenas por vício.

Não é gosto na privação, nem tão-pouco será ainda o dom da avareza: é horror ao desperdício. Podia ter sido a cidade a ensinar-mo. Foi o campo.

Lugar dos Dois Caminhos

Sábado, 27 de Setembro

Aos fins-de-semana, acordo com os velhos. Estão sentados na paragem da urbana, sob a minha janela. Conversam baixinho.

Ainda esta manhã conversavam baixinho.

Não serão tão velhos assim. Um deles parece-me ser o Galão, esperando o filho com a carrinha para irem às vacas. O Galão ainda nem fez 60 anos – a vida é que lhe foi dura.

O outro, sim, há-de ser um velhote, nunca percebi qual. Aqui só há duas espécies de pessoas acordadas às seis da manhã de um dia de fim-de-semana para se sentarem numa paragem de autocarro, a fumar: os lavradores e os velhos.

– ... pu mó da bezerra? – entreouço. – ... é verdades...

– ... o tatão do doutô na veio... que horas é?...

Chego a ter pena de que se preocupem tanto em não incomodar a vizinhança. Ainda não percebi que doença terá aquela bezerra, ademais tão persistente, embora me pareça que o veterinário não vem tantas vezes quantas devia.

Isto tem sido a conversa das últimas semanas. Já há uns tempos tinham andado obcecados com um toiro aí das touradas-à-corda, um bicho – segundo percebi – mais dado a empoleirar-se às varandas, para namorar as raparigas, do que a perseguir os capeadores.

Chamavam-lhe «o toiro das mulheres».

Noutras alturas falaram sobre meteorologia ou hortas domésticas, doenças ou jogos de sueca, desarmadeiras, acendedores ou até – o velhote insistiu nisto durante dias – aquela apresentadora da televisão, como é que se chama o diacho da rapariga, tem umas perninhas que é uma coisa linda, Cristina.

Dura há anos, esta rotina, desde antes mesmo de vivermos aqui. Vínhamos de férias e acordávamos com eles todas as manhãs. Ainda conversam todas as manhãs, mas agora só damos por eles aos fins-de-semana, porque nos restantes dias acordamos cedo também.

Aquelas vozes acompanham-me a jornada inteira, sussurrantes. Nunca me ocorreu ir surpreender os seus detentores. Há nelas uma serenidade. Uma tangibilidade. Se nunca instalámos vidros duplos, foi por causa delas.

Lugar dos Dois Caminhos

Domingo, 28 de Setembro

Primeiro são os termos. Piscas e pechinchinhos, tarelos e tafulhos. Gamas e donetes, sueras e alvarozes. Cambetas, banaços, batacus. Custódios, alaricados, laparosos. Belicas e biscoitas, valhacas e maraus. Pita-fes e tricofaites. Naiões, basões e tatões.

Às vezes trata-se apenas de um português mais antigo, não tão distinto assim daquele que encontramos em Trás-os-Montes ou nas

Beiras. Mas também há americanismos, eufemismos, regionalismos em geral – até localismos vindos de uma memória popular mais recente do que imaginamos.

Depois são as expressões. As sinestésias. As metonímias. As hipálages. «Tu és um disparate!» como elogio: és o maior. «Faz-te discretinho!» como ralhete: está sossegado. «Eu digo-lhe vergonhas» como gabarolice: digo-lhe tudo quanto me apetece e ela ainda não me esbofeteou. «Salta pà carrinha!» como malandrice: anda cá, garota, que eu faço-te desgraças.

«Já estás a derramar» como alerta: não bebas mais, que só dizes asneiras – vê-se logo que já estás «três vezes nove vinte e sete».

Ou bêbedo.

Uma pessoa vai sentada na urbana e não tarda está a meter conversa com a senhora que torce o nariz a um miúdo ao fundo.

– Credo, aquele rapaz é um cegão...

– O que é «cegão»?

– Está sempre a tecer!

– O que é «tecer»?

– É inticante.

– Ah.

«Urbana» é a carreira urbana: o autocarro que vai das freguesias à cidade. Fora as horas de ponta, leva sobretudo velhinhas: algumas aberrocidinhas, outras mais tenteadinhas e outras já encarreiradinhas.

Em havendo bagalhoço, o sol brilha.

É difícil resistir ao falar desta terra.

Lugar dos Dois Caminhos

Quinta-feira, 2 de Outubro

Esta manhã até as casas de Santo Amaro do Pico se viam. Que digo eu? Até São Miguel se via, do miradouro das Veredas que se debruça sobre o Posto Santo.

Foi a primeira vez que vi São Miguel.

Começámos a subir a Canada da Serra e avistei logo os feixes de luz rasgando as nuvens como holofotes. Um estava mesmo sobre Santo Amaro do Pico. Foi curioso porque o Topo de São Jorge, bem mais perto, se escondia numa penumbra.

Ao chegar ao Charcão, detive-me a olhar o mar, cristalizado como um espelho, ou um espectro. Havia uma corveta ao largo de Angra. Ergui o telefone para tirar uma fotografia e ouvi um carro parar atrás de mim:

– E ali do miradouro de cima vê-se São Miguel! – exultou um rapaz.

– Vê-se mesmo bem, apesar de ficar a mais de 400 quilómetros.

Sorri, porque o primeiro sinal da falta de mundo é sempre a desproporção. São Miguel não fica sequer a metade.

Mas não deixei de registar que nem quando vão de carro para o trabalho, atrasados, acelerando pelos atalhos do mato, os homens da minha terra deixam de procurar o belo. Provavelmente, isso diz tanto sobre ela como sobre eles.

Pelo meio, distraí-me com uma ave que não consegui identificar. Não era um milhafre nem uma gaivota, e a dada altura mergulhou sobre um animalzinho num cerrado, o que me tirou ilusões sobre ser um cagarro atrasado também.

Um cagarro tão atrasado na sua viagem para sul mereceria a minha compaixão – já não chegaria ao seu destino.

Ao aproximar-me do miradouro de cima, lembrei-me de conferir. E, de repente, lá estava ela: São Miguel, a ilha grande. Longe, quase invisível, bem por cima da metade mais baixa do Ilhéu das Cabras – uma pequena silhueta de terra contra o sol matinal.

Comoveu-me. Talvez nunca, como hoje, tenha feito tanto sentido para mim aquilo da ilha em frente. Consagrou Brandão e até Nemésio, se preciso fosse, e com isso digo tudo em defesa deste dia.